

# REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES APRESENTADAS NO FILME MA VIE EN ROSE

REFLECTIONS ABOUT THE SOCIALIZATION PROCESS INSPIRED BY SITUATIONS PRESENTED IN THE FILM MA VIE EN ROSE

\* Gleicielen Araújo de Souza

Recebido em: 14/04/2020

Aceito em: 01/09/2020

## Resumo

Este artigo busca refletir sobre algumas questões referentes ao processo de socialização por meio da perspectiva de gênero. O recorte foi realizado a partir das experiências vivenciadas por Ludovic, que atua como protagonista do filme *Ma vie en rose*. Através deste recorte, foi possível refletir sobre a influência da linguagem enquanto elemento que ajuda a traçar fronteiras em relação à matriz sexo/gênero. Por meio da narrativa fílmica, foi realizada uma breve análise de determinados processos referentes à socialização, uma vez que a socialização é fundamental para o entendimento da categoria homem/mulher, masculino/feminino e implica no processo de tornar-se inteligível.

**Palavras-chave:** socialização, linguagem, gênero, performatividade e patriarcado.

## Abstract

This work aims to provide some reflections on the process of socialization through the lens of gender perspective. The reflections presented here were based on the movie *Ma Vie en Rose* (1997) and the situations experienced by the protagonist Ludovic. Through analysis of the movie's scenes, it's attempted to cast a new light on the influence of language on the sex/gender system. A brief analysis of some processes inherent to socialization has also been done since these are fundamental to the understanding of the male and female categories and to the intelligibility of an individual.

**Key words:** socialization, language, gender, performativity and patriarchy.

## 1 Introdução

*Ma vie en rose* trata-se de um longa-metragem europeu com produção e colaboração de países como Bélgica, França e o Reino Unido. Lançado em 1997, o filme recebeu a direção do belga Alain Berliner. O longa chegou ao Brasil com o título *Minha vida em cor de rosa*, no ano de 1998. Em entrevista à *Folha de São Paulo* (1998) [1], Berliner afirmou que a produção é sobre identidade e não sobre homossexualidade. Embora o tema central seja a identidade, é necessário frisar que a sexualidade

possui papel fundamental na construção de identidades. A heterossexualidade é hegemônica e condiciona várias maneiras de ser e estar no mundo.

A década de 1990 foi um marco em termos de pesquisas e estudos sobre gênero e sexualidade aplicados a narrativas fílmicas, em especial, voltadas para a perspectiva queer. A produção de conteúdo utilizando a óptica queer significa problematizar, politizar e desestabilizar algumas certezas em relação à natureza/cultura, sexo/gênero. “O

ponto central é explorar, nas pesquisas, a performatividade como um *modus operandi* da constituição do gênero que se utiliza dos repertórios corporais, imagéticos, discursivos, com os quais se efetiva, institucional e individualmente, o exercício da sexualidade.” (BESSA, 2015, p. 71).

Outra importante característica dos filmes queer da década de 90, diz respeito ao cuidado em documentar a realidade, há tentativa de não romantizar. As narrativas filmicas possuem o potencial de colocar em evidência diferentes formas de pensar, sentir e agir. O recorte realizado em *Ma vie en rose* está direcionado a apresentar a forma como os personagens (embebidos de valores hegemônicos) lidam com uma criança que possui pênis e afirma ser uma menina.

Apesar de tratar-se de uma produção da década de 90, as questões abordadas ainda são atuais. De forma que podemos pensar acerca das marcas culturais que recaem sobre os corpos, assim como a naturalização dos comportamentos femininos e masculinos. Por exemplo, é incentivado e lido como normal que meninos comportem-se de uma determinada maneira, diferente das meninas. Desta forma, por meio dos processos culturais é eleito o que é natural. Fabricamos e reconfiguramos a natureza e a biologia, de modo que as tornamos históricas (LOURO, 2000).

O objetivo do presente artigo é analisar alguns aspectos do processo de socialização, tais como a linguagem, sexualidade e gênero. A partir desses temas, serão apresentadas algumas reflexões sobre situações que circulam nossa vida cotidiana. Parte do processo reflexivo sobre o tema aqui proposto foi desenvolvido a partir do filme *Ma Vie En Rose*. A trama é protagonizada

por Ludovic (possui sete anos), não entende-se enquanto menino e expressa seu desejo de tornar-se uma menina. A história ganha contornos trágicos quando a criança expressa sua vontade de casar-se com Jérôme (um amigo da escola).

À medida que Ludovic expressa suas vontades e porta-se como menina, os vizinhos sentem-se incomodados e exteriorizam tal desconforto que, por sua vez, estende-se aos demais membros da família. O fato do pai de Jérôme ser chefe de Pierre (progenitor de Ludovic) agrava ainda mais a situação. No decorrer do filme, são apresentadas diversas situações explícitas que diz respeito a elementos socializadores e algumas contradições no cerne de tais questões.

Os pais de Ludovic (Hanna e Pierre), acreditam que seu comportamento é normal, até os sete anos. Dessa forma, pode-se concluir que não houve punições ao comportamento de Ludovic antes. A justificativa de Hanna consiste em afirmar que as crianças procuram por sua identidade até os sete anos. Portanto, para ambos (Pierre e Hanna), Ludovic já deveria ter encontrado sua identidade masculina. Hanna dizia gostar do cabelo longo da criança e do fato de ele saber o que deseja. Porém, em diversos momentos, os pais agem de forma impositiva com Ludovic, afirmando que ele é um menino e deve comportar-se como tal. De acordo com Renaut (2002), citado por Plaisance (2004), uma das principais contradições contemporânea está em incentivar a autonomia da criança e, ao mesmo tempo, a necessidade de atuar de forma dominadora. Essa é a contradição que a família de Ludovic precisou lidar.

A ausência do processo de socialização significa a inexistência do masculino e feminino, ou seja, a

socialização é fundamental para o entendimento de homem/mulher masculino/feminino. Por diversas vezes, o sistema simbólico-cultural é materializado nas vivências de Ludovic. Diante disto, existem limitações para a criança, a principal diz respeito a como seu corpo é lido socialmente, o classificando como masculino, por tanto, um menino. É interessante notar, ao mesmo tempo que ele tenta ultrapassar a fronteira (simbólica, cultural e linguística) lançar-se em um outro conjunto de símbolos, enquadrados como femininos.

A linguagem possui papel fundamental no processo de socialização, pois, produz uma série de representações simbólicas e os constitui como elemento autêntico na vida cotidiana, LUCKMANN e BERGER (1974). A linguagem pode ser entendida como uma estrutura complexa cuja principal função é nos inserir no interior de determinado sistema simbólico, funcionando também como garantia de inteligibilidade.

## 2 Uma breve contextualização do processo de socialização

O propósito central deste artigo consiste em analisar os processos de socialização aos quais Ludovic está condicionade [3]. Dentro da discussão aqui proposta, será possível notar que o processo de socialização engloba algumas questões relacionadas à linguagem, sexualidade, heterossexualidade, performatividade e sentimento de pertencimento. Estas questões serão abordadas no decorrer do texto, voltadas para a análise do longa-metragem.

De acordo com Neyrand (2000), citado por Plaisance (2004), o processo de socialização é compreendido como o espaço onde ocorre o embate entre a sociologia e a

psicologia. Diz respeito à constituição do indivíduo, a uma série de normas sociais e coletivas e o quanto essas normas estão ligadas a estruturação psíquica do indivíduo.

Para que ocorra incorporação à vida social, faz-se necessário um certo afastamento da família. O propósito do distanciamento é proporcionar à criança vivências e experimentações de diferentes arranjos sociais (PLAISANCE. 2004, p.224). A socialização primária desenrola-se no ambiente familiar e a secundária ocorre em instituições como a escola, por exemplo. Dessa forma, socialização é antes de mais nada um processo que integra o indivíduo a sociedade. No decorrer do filme foi possível notar esse processo. Ludovic aprende novas palavras fora do âmbito familiar, por exemplo, a cena em que ele pergunta para o pai qual o significado da palavra ‘marica’.

A escola é um ambiente onde a coerção e imposição apresentam-se de forma constante, mediante a relação professor-aluno e a relação horizontal aluno-aluno. A professora pede para que seus alunos levem algum brinquedo especial para apresentar aos demais colegas de classe. No momento em que Ludovic mostra seu casal de bonecos (formado pela boneca Pam e o boneco Bem) vários olhares repressores são direcionados para ele. Na tentativa de contornar a situação, a professora logo indaga que Ludovic deseja ser como o Bem.

Abrantes (2011), aponta para diferentes processos de interiorização relacionados a posturas corporais e morais entre meninas e meninos, a partir do que é valorizado e autorizado a cada gênero. Essa questão perpassa pela perspectiva da naturalização dos comportamentos femininos e masculinos. Portanto, é incentivado e lido como normal que meninos se comportem de uma

determinada maneira, diferente das meninas. Por meio dos processos culturais é eleito o que é natural, de forma que fabricamos e reconfiguramos a natureza e a biologia, de modo que as tornamos históricas (LOURO, 2000).

Ma vie en rose é uma produção muito rica em relação ao processo de socialização e sentimento de pertencimento. Por meio da narrativa filmica é possível realizar uma ampla análise de determinados processos referentes à socialização. Uma vez que a socialização é fundamental para o entendimento de homem/mulher masculino/feminino. Tal processo implica a inteligibilidade do humano. “A humanidade em geral, na medida em que problematizam sua própria definição como ‘universal’, ao trazer para o primeiro plano as diferenças de gênero e o quanto a noção de ‘humano’ sofre os efeitos desta marca” (BESSA, Karla. 2007, p.270). Essa observação proposta por Bessa conversa muito com as experiências vivenciadas por Ludovic. Em diversos momentos, é silenciado e, por consequência, ele e sua família são isolados da vida social por não se adaptarem aos padrões exigidos pelo grupo de pessoas com o qual convivem. Esse ponto é central na narrativa do longa, pois a forma como a família responderá às expectativas do grupo é marcada pela tentativa de inserir-se, o que implica podar a identidade que Ludovic deseja exteriorizar.

### 3 A linguagem e seu potencial de limitar e transcender

De acordo com LUCKMANN e BERGER (1974),

A linguagem, que pode ser aqui definida como sistema de sinais vocais, é o importante sistema de sinais da sociedade humana. Seu fundamento, naturalmente, encontra-se na capacidade intrínseca do organismo

humano de expressividade vocal, mas só podemos começar a falar de linguagem quando as expressões vocais tornam-se capazes de se destacarem dos estados subjetivos imediatos aqui e agora. [4]

A partir da afirmação dos autores citados, é fundamental que as expressões vocais estejam incorporadas em um sistema de objetivações. Por conseguinte, a linguagem conserva as objetivações comuns da vida cotidiana. Para os autores, a característica fundamental da linguagem é sua capacidade de exteriorizar questões relacionadas à subjetividade de forma compreensível para quem a escuta. A linguagem possui o potencial de “vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes” (LUCKMANN, BERGER, 1974:57).

A linguagem permite a objetivação do ser a medida que as subjetividades são concebidas de forma mais palpável e real, segundo os autores. Por meio da verbalização é possível compreender-se e tornar-se acessível ao outro. Este ponto remete ao processo de terapia, à medida que a comunicação é realizada, a possibilidade de compreensão de si é construída. Ludovic, empenha-se por meio de diferentes formas objetiva-se e tornar sua existência material. A criança verbaliza sua vontade de tornar-se menina, (quanto mais suas vontades são verbalizadas, mais claro tornam-se seus desejos) e em determinados momentos, veste-se com roupas femininas, usa a maquiagem e acessórios da mãe e irmã mais velha (Zoe). Durante a cena em que Ludovic e Jérôme encenam um casamento, são resgatados os elementos normativos da cerimônia. Em suma, Ludovic apropria-se desse universo simbólico que dita como uma mulher deve portar-se.

Por intermédio da linguagem, é possível alcançar

determinadas definições, e, ao mesmo tempo, exercer seu potencial limitador. Pensando a linguagem em relação ao gênero, é possível notar que existe uma intersecção entre ambas. A linguagem está presente nas dualidades construídas para delimitar o que faz parte do âmbito masculino e feminino. Ao passo que Ludovic expressa seu desejo de ser uma menina, a potência da linguagem expressa-se.

A ausência do processo de socialização significa a inexistência do masculino e feminino, ou seja, a socialização é fundamental para o entendimento de homem/mulher masculino/feminino. A linguagem produz uma série de representações simbólicas e os constitui como elemento autêntico na vida cotidiana. Em relação ao aspecto coercitivo da linguagem, Berger e Luckmann (1974), afirmam: “encontro a linguagem como uma facticidade externa a mim exercendo efeitos coercitivos sobre mim. A linguagem força-me a entrar em seus padrões” (LUCKMANN e BERGER, 1974:58). No que se refere ao filme, existe a tentativa constante dos pais de Ludovic de colocá-lo no interior do sistema simbólico-cultural. Existem limitações para Ludovic, seu corpo no mundo simbólico é lido como masculino. É interessante notar, enquanto a criança tenta ultrapassar a fronteira (simbólica, cultural e linguística) lançar-se em outro conjunto de símbolos, enquadrados como feminino.

As pedagogias de gênero possuem papel fundamental para a construção do modelo binário [5], por conseguinte, circunscreve a forma ideal de experienciar o feminino ou o masculino. Determinados objetos e tipos de brincadeiras constituem elementos da pedagogia de gênero, agindo de forma a categorizar corpos e comportamentos

que são direcionados a meninas e a meninos. “Os jogos e brincadeiras desempenham um papel central, pelo modo como as crianças vão elaborando visões (hierárquicas) do mundo, criando fronteiras entre si e desenvolvendo identidades de gênero” (ABRANTES, 2011:125).

O filme apresenta algumas pedagogias de gênero, entre elas destacam-se, as bonecas, o vestido cor de rosa e o futebol. O fato de Ludovic gostar de brincar com bonecas é algo que causa risos em seus colegas de classe, o que leva a criança a sentir-se constrangida. Ao ser questionado pelos pais e pela avó sobre os motivos que a(o) levou a usar o vestido da irmã (durante o almoço em que todos os novos vizinhos estavam presentes), a criança argumenta que apenas queria sentir-se bonita. O uso de vestidos aparece restrito às mulheres. Ainda sobre esta cena, quando Pierre percebe que a(o) filho aparece diante de todos os convidados como uma menina, imediatamente o apresenta afirmando “Esse é Ludovic, nossa melhor piada”.

Os lugares destinados a ser preenchidos por determinados corpos é marcado com tanta intensidade a ponto de “uma estrutura de parentesco não é legitimada simplesmente pela ética de seus particulares tabus de incesto. É preciso primeiro existir conhecimento dos papéis que definem tanto as ações ‘certas’ quanto as ‘erradas’, no interior da estrutura” (LUCKMANN e BERGER, 1974:128). No fim do filme, a mãe de Ludovic (Hanna) afirma que independente de qualquer coisa, ele não deixaria de ser filho dela, apesar de durante alguns momentos ter-se esquecido. Durante a conversa de Albert (pai de Jérôme) e Pierre (pai de Ludovic) sobre Ludovic expressar sua vontade de casar-se com Jérôme, Albert



relembrar que perdeu uma filha e afirma que não deseja perder outro. Para Albert, a possibilidade de o filho ser homossexual, significa uma morte simbólica.

Como foi dito anteriormente, a linguagem possui o caráter de definir, delimitar e enquadrar determinados corpos em lugares sociais fixos. A palavra ‘maternidade’ enquadra simbólica e socialmente o processo de gravidez à mulher. Porém, homens trans possui capacidade reprodutiva. O termo ‘no seio da família’, a palavra ‘seio’ é ligada a mulher e o bom andamento da família (dentro de padrões normativos) é direcionado a mulher. No decorrer do filme, Hanna, muda seu comportamento em relação a Ludovic, à medida que seus vizinhos se sentem incomodados com as atitudes da criança. Hanna, torna-se cada vez mais áspera. Élisabeth (avó de Ludovic) em alguns momentos, incentiva a(o) nete a realizar seus desejos. Porém, é interessante notar que os olhares de desaprovação em relação à conduta de Ludovic são voltados para Hanna e não para Élisabeth, a responsabilidade pela manutenção da família é colocado sobre a mãe, em seu seio.

Outro exemplo de enquadramento auxiliado pela linguagem diz respeito a regra de concordância nominal. Está regra afirma que em um grupo de pessoas, a existência de apenas um homem é o suficiente para passar de ‘as’ para ‘os’. A partir desta observação, é possível ressaltar a frequência que o termo ‘mulher de João’ [6] é usado como sinônimo de esposa. O contrário não ocorre com tanta frequência, não é comum escutar o termo ‘homem de Maria’ como sinônimo de esposo. O termo ‘mulher de João’, pode ser interpretado como uma reiteração diária e sutil da lógica de pertencimento do corpo da mulher ao homem, no interior de uma sociedade patriarcal.

A linguagem é uma estrutura complexa cuja principal função é nos inserir no interior de determinado sistema simbólico, funcionando também como garantia de inteligibilidade. A linguagem possui inúmeras facetas, pode agir de forma limitadora, por outro lado, ao mesmo tempo, é capaz de libertar, expandir e desconstruir. Viviane Mosé (2008), ao tentar explicar o que é a palavra, chama atenção para o papel fundamental que a angústia possui para a criação de novos elementos, cuja finalidade é tornar a vida um pouco mais leve e inteligível. A palavra e a linguagem possuem o potencial de constituir significados para a existência e nos transformar em sujeitos enquanto identidade. Butler (2002), afirma que o sujeito está em construção, em *Devir* (vir a ser algo). Uma vez que o sujeito se constitui no interior da linguagem, por consequência, a linguagem também é caracterizada pela incompletude. A linguagem cria os sujeitos, porém, estes não possuem comportamento passivo no interior desta categoria.

Suárez (1999), destaca o caráter político da palavra gênero, afirmando que atua como categoria que tenta desconstruir a condição essencial conferida pela natureza. A categoria gênero movimenta-se em direção a desessencializar o papel social feminino e masculino. Esse modelo essencializante enquadra os sujeitos em determinados ambientes, de forma que as fronteiras do masculino e feminino são marcadas socialmente. Esta disposição tem historicamente gerado angústia e sofrimento para aqueles e aquelas que não se enquadram. Por esse (e tantos outros motivos aqui não citados) a palavra gênero possui um forte caráter político e marca uma das inúmeras facetas da linguagem. De acordo com (BESSA, 2007),

A produção de um filme implica uma forma de abordar

temas clássicos dos relacionamentos humanos – tristeza, lidar com perdas e frustrações, disputas e rivalidades, lutas amorosas, p

humilhação de corpos efeminados (sejam de homens ou de mulheres)? Qual masculinidade é colocada como “desejante” e desejada? [7]

É possível realizar uma breve análise da territorialidade apresentada no filme *Ma vie en rose* usando como norte as observações propostas por Bessa (2007). A linguagem e a matriz sexo/gênero marcam parte da territorialidade representada no filme. A paixão que Ludovic sente por Jérôme torna-se, nitidamente, uma questão política, pois, aos olhos dos demais personagens, trata-se de um desejo homossexual, uma vez que Ludovic é lido como menino, embora diga o contrário. Dessa forma, Ludovic subverte a matriz sexo/gênero. A masculinidade desejada, é que ele seja um menino e atenda as expectativas que tal categoria coloca, entre elas, ser heterossexual.

O momento em que a criança reafirma seu desejo de casar-se com Jérôme, Hanna reitera “meninos não se casam com outros meninos. Bom, às vezes.” Após essa resposta, Ludovic reafirma que será uma menina, em seguida Hanna pede para que ele não fale mais tolices e reafirma que Ludovic é um menino e será por toda a vida. Está cena (assim como várias outras) deixa nítido o quanto os lugares sociais são marcados pela matriz sexo/gênero.

O termo ‘menino-menina’ usado como auto representação por Ludovic, constitui um exemplo, dentro da narrativa do longa, da criação de um termo por uma criança que se sente angustiada e presa dentro de uma categoria engessada socialmente. O termo foi criado pela personagem como uma forma de atender às expectativas sociais sem deixar de lado os próprios desejos. A palavra

criado por ele é uma tentativa de transcender a interpretação social destinada aos cromossomos XX (destinados às pessoas que possuem vagina e são lidas como mulheres) e XY (destinado às pessoas que possuem pênis e são lidos como homens), caracterizando-se como um ato político. A metáfora construída pela criança é embasada na lógica cristã, ele afirma que Deus jogou pela chaminé de sua casa os cromossomos XXY, porém, um ‘X’ caiu na lata de lixo. Ludovic acredita possuir um ‘X’ em algum lugar e justifica afirmando ter sido vítima de um engano científico.

O processo de reflexão sobre a função da linguagem enquanto elemento fundante da construção do gênero e da sexualidade (uma vez que nos insere em um sistema simbólico-cultural) implica pensar sobre hierarquias e dualismos que foram historicamente arquitetados, colocando a mulher em oposição ao homem. Existem algumas contradições entre o homem e a mulher ideal, que são socialmente construídos. O tópico seguinte será dedicado a uma breve reflexão acerca de alguns antagonismos no interior desta categoria.

#### 4 O homem está de fato para a cultura? [8]

Para avançar com a análise do longa-metragem, faz-se necessário explorar, brevemente, o sistema simbólico-cultural ao qual Ludovic está submetido. Pensando-os em termos da construção de identidades em relação à matriz sexo/gênero. A reflexão proposta por Ortner (1979), ligando a mulher a natureza e o homem a cultura, é reiterado pelo filme em diversas cenas. Todos os casais da trama são representados por um homem que possui a figura de provedor da família (voltado para a esfera pública) e

à mulher é destinado os serviços domésticos e cuidado dos(as) filhos(as). Assim como é representado no filme, a personalidade que se espera que homens e mulheres assumam será tema deste tópico.

De acordo com Louro (2000), o homem deveria apresentar personalidade ponderada e reprimir suas expressões voltadas aos sentimentos. Por conseguinte, a mulher deveria apresentar performances voltadas para a exteriorização de suas emoções. Esta observação apontada pela autora, desenvolve-se em um determinado contexto circunscrito pela cultura. Dessa forma, “as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais.” (LOURO, 2000:6). Somos ensinados a categorizar os sujeitos por meio do comportamento, apresentação corporal e maneiras de expressão.

A partir desta reflexão, torna-se possível problematizar a forma como os homens expressam e lidam com suas emoções. Em geral, aprendem a demonstrar suas emoções com base na agressividade. Esta discussão faz alusão à concepção proposta por Ortner (1979) ao perguntar se está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? Essa análise proposta pela autora, coloca luz no complexo enquadramento construído socialmente onde a atividade reprodutiva localiza a mulher próximo a natureza e sem potencial de a transcender.

A Identidade feminina é fundamentada sob a perspectiva eterna e essencialista SUÁREZ (1999). Já as características destinadas aos homens, estão pautadas em possibilidades de mudanças. Dessa forma, a construção da identidade feminina e masculina apoia-se a partir de uma

compreensão binária e voltada para a dualidade. Ortner (1979), afirma que o fato do corpo feminino estar mais ligado à atividade reprodutiva é um importante elemento para a construção social da mulher distante da cultura.

## 5 Algumas reflexões acerca do papel da sexualidade e gênero no processo de socialização

De acordo com LOURO (2000), o grupo social que preenche a categoria denominada ‘normais’ (aqueles que ocupam posição central em relação aos marcadores de sexualidade, gênero, classe, raça e religião) representam a si e aos outros, ou seja, constituem o outro à medida que constitui a si. Ao passo que, se existe uma posição dita ‘central’ fica subentendido que também há um grupo que está em uma posição periférica/ a margem. Dessa forma, o grupo que está no centro se constitui enquanto ‘um’ e o grupo a margem é constituído enquanto ‘outro’. O discurso redigido pela normatividade é hegemônico.

Para que esse discurso seja bem amarrado, é necessário que acreditemos que a sexualidade é algo dado, algo natural. Para tal concepção, pressupõe que experienciamos o nosso corpo de forma universal. Esse tipo de discurso retira qualquer tentativa de conversa ou problematização, não é aberto para outras formas de entendimento dos processos ligados à sexualidade. A heterossexualidade é engendrada como natural, normal e universal. “Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto” (LOURO, 2000:10). Porém, é interessante notar que existe uma dissonância



no interior da naturalização que cerca a sexualidade. Ao mesmo tempo que é afirmado o seu caráter natural, essa mesma afirmação constitui-se ao lado de um minucioso e alto grau de vigilância.

Os corpos representam um ponto fundamental, pois, ganham uma leitura social. O corpo que possui o pênis é lido como masculino e a ele é atribuído uma série de comportamentos. O corpo que possui a vagina é lido como feminino e a ele é conferido determinados comportamentos que, por sua vez, são dispostos em oposição aos corpos masculinos. Foucault (2003), afirma que o poder se estabelece por meio da desigualdade e do desequilíbrio, em uma oposição binária entre dominadores e dominados. A historiografia da sexualidade, de fato, aponta para essa assimetria de poder e liberdade que são conferidos aos homens em detrimento das mulheres. Em parte, é no interior dessa conjuntura que se estabelece as performances de gênero. “Aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam” (LOURO, 2000:7).

O tratamento desenvolvido por Stoller (1982) apud Bento (2013) nomeado “complexo de Édipo terapeuticamente induzido” possui o objetivo de realçar os componentes estruturantes da identidade masculina hegemônica. “Pode-se observar que, nesse processo, a construção da masculinidade desenvolve-se simultaneamente à misoginia e a homofobia” (BENTO, 2013:142). Stoller afirma,

Os meninos começam a valorizar seu pênis (por exemplo, ele passa a ficar em pé para urinar, enquanto antes se sentava); desenvolvem fobias; atacam fisicamente mulheres - bonecas e menina, sendo o prazer, mais do que

a raiva, o afeto dominante; aparecem brincadeiras muito mais intrusivas, tais como atirar e acertar bolas em suas mães e em outras mulheres. [9]

A agressividade é estimulada e conforma-se como um traço da personalidade masculina, e é entendida como sinal de saúde e da boa adequação aos padrões normativos. Existem múltiplas estratégias para a fixação da identidade sexual e de gênero, preferivelmente normal e inalterável. Dessa forma, as identidades de gênero que são entendidas como ‘normais’ devem responder ao padrão de identidade heterossexual. De modo que a possibilidade de outra identidade de sexo e gênero é lida como uma perturbação da essência do sujeito. (LOURO, 2000)

Esse aspecto é reiterado na narrativa fílmica em diversos momentos, entre eles, a cena em que Ludovic é agredido no vestiário. Os meninos que participam da agressão dizem: “Olha lá a bichinha de novo!”, “É como uma menina, não tem pinto.”, “vamos arrancar, assim será uma mulher”. Essas falas expressam a falta de espaço destinado a Ludovic. Esse tipo de comportamento é reiterado também pelos pais dos alunos da escola onde Ludovic estuda. Após várias tentativas da criança para criar espaços e poder viver da forma como deseja, e por consequência, o incômodo desses pais, eles resolvem fazer um abaixo-assinado para que ele seja retirado da escola, alegando mau comportamento.

A heterossexualidade é um forte marcador social capaz de definir o que é um homem e uma mulher de verdade, de acordo com Bento (2013). Portanto, as cirurgias de mudança de sexo estão a serviço da heterossexualidade. Retomando a questão das fronteiras construídas por padrões normativos, estas são muito borradas quando uma

mulher trans declara -se lésbica ou quando um homem trans apresenta-se gay. Conforme, (BENTO, 2013)

Eu respeito aqueles que não querem fazer a cirurgia, porém eu sempre quis minha vagina. Agora que a tenho, me sinto uma mulher completa. Desejo que a minha primeira noite seja muito especial. Você sabe... toda mulher quer seu príncipe encantado, quer chegar à primeira noite virgem. [10]

A partir da fala de uma mulher trans, citada acima, é explícita a figura da mulher idealizada. Há incorporação das expectativas estabelecidas socialmente, relacionadas a como uma mulher deve comportar-se e o que deve desejar. A cirurgia possui o papel fundamental de inserir o indivíduo dentro do arcabouço simbólico que possibilita ser reconhecido enquanto mulher ou homem. A performatividade conduz a pessoa à existência e a permite ascender à condição humana.

A performatividade pode ser analisada pela ótica do poder que constrange. “O entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange” (BUTLER, 2000:111). Em relação a este aspecto, podemos refletir sobre a performance de gênero masculina desempenhada por mulheres que ocupam cargos de liderança. Em geral, as mulheres que ocupam tais cargos precisam negar características que são socialmente ligadas à feminilidade, tais como: timidez, afetividade e compreensão.

O significado da expressão ‘ser uma mulher de verdade’ é reiterado no filme por meio da menstruação, ou seja, de forma biologizante. Ludovic escuta parte de

uma conversa entre a mãe e a irmã mais velha (Zoe), observa a mãe dizendo para zoe “agora você é uma dama!” Instigade para saber o que faltava acontecer para tornar-se uma dama, vai até Zoe para perguntar, a menina responde que “é a regra, dor de estômago”, Ludovic não entende, depois de insistir, a irmã diz que é a menstruação que a tornou uma dama. Após a declaração, Ludovic pergunta se também terá, a irmã afirma “não, você nunca será uma mulher.”

A desnaturalização dos hábitos sexuais e do sistema de gênero, bem como “a equivalência (e não a igualdade) dos corpos-sujeitos falantes” (PRECIADO, 2014:22) surgem como uma alternativa para o contexto vivenciado por Ludovic. O autor defende que é necessário entender a ‘história da humanidade’ como a ‘história das tecnologias’ e pensar o sexo e gênero como um aparato no interior de uma rede complexa e tecnológica.

Refletir sobre a equivalência dos corpos-falantes e a desnaturalização das práticas sexuais, a grosso modo, significa experienciar atitudes voltadas para a contradisciplina, mais especificamente falando, práticas denominadas por Preciado como Contrassexuais. A contrassexualidade não possui o objetivo de embate contra as proibições sexuais modernas, mas sim criar saídas que sejam contraprodutivas e mecanismos de resistência.

A contrassexualidade tem por objetivo de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexuais e generizados. Ela não rejeita a hipótese das construções sociais ou psicológicas de gênero, mas as ressitua como mecanismos, estratégias e usos em um sistema tecnológico mais amplo.[11]

Em junho de 2013, a ativista transexual Indianara Siqueira, foi presa acusada de ultraje público ao pudor,

pois estava participando de uma manifestação com os seios desnudos. A ativista utilizou a justificativa da sua prisão para criar estratégias alternativas de reconhecimento. Argumentou que em caso de condenação, o Estado estará a reconhecendo como mulher e respeitando sua identidade de gênero em detrimento do sexo apresentado em seus documentos. Em caso de não condenação, o Estado estará levando em consideração o sexo declarado em seus documentos e a concedendo liberdade de transitar com os seios à mostra em qualquer lugar. A não condenação significa o reconhecimento legal de que homens e mulheres não possuem os mesmos direitos.

O exemplo acima ilustra o quanto o sexo é utilizado como “tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino)” (PRECIADO, 2014:25). A heterossexualidade fraciona os corpos, recorta os órgãos e produz as zonas erógenas.

Preciado (2019), defende que as crianças funcionam como álibi e peça biopolítica para a tentativa da efetivação e naturalização das normas heterossexuais. O que se pretende defender não é o direito ou proteção das crianças, o que se deseja proteger é a hetero e a cisnormatividade. Faz-se necessário encarar os ‘anormais’ como potência biopolítica (Preciado, 2011). O que resta a Ludovic enquanto criança que reivindica questões ligadas à transexualidade?

## 6 A construção da identidade de Ludovic a partir da abjeção

As reflexões deste tópico serão realizadas em

diálogo com alguns conceitos da teoria de Butler. A autora traz uma contribuição muito significativa para a sociologia ao pensar o sujeito em construção, bem como seus processos. Isso ocorre porque, em geral, a sociologia está preocupada com o sujeito ‘já constituído’, isto é, já mergulhado em uma esfera simbólica. Em termos da teoria de Butler, a construção do sujeito ocorre por meio da instabilidade e da dialética. Ludovic faz uso da dialética na tentativa de buscar e afirmar uma determinada identidade.

O movimento dialético é composto por um ciclo infinito formado pela negação, antítese e síntese (SALIH, 2015). Dialogando com as tentativas de busca por identidade de Ludovic, é possível notar que, à medida que a criança nega a parecer-se com o pai e os irmãos, há produção de uma afirmação. Essa questão está presente no episódio em que Hanna está retocando o corte de cabelo de Ludovic e indaga sobre o desejo de ele não querer ser semelhante ao pai e aos irmãos. A criança é o único personagem da narrativa fílmica lido como menino que possui o cabelo longo, o que funciona como elemento de negação da masculinidade. Ao passo que ocorre essa negação, a criança afirma-se como não pertencente ao espaço destinado aos homens.

Conforme destaca Salih (2015), a partir das leituras de Butler, a lógica da negação faz parte da construção da identidade, esta, por sua vez, é constituída pela diferença e negação do outro. Diante desta questão, separar o Eu do Tu está no cerne da alteridade e da constituição enquanto sujeito. Tanto a formação do sujeito quanto a alteridade constituem-se no interior de uma estrutura de poder. Essa questão implica que os instrumentos que possuímos para fazer uma negação (e a partir da negação realizar uma

afirmação) está dentro da mesma estrutura de poder que nos sujeita. Ludovic nega-se enquanto menino ao mesmo tempo que reitera padrões normativos relativos ao que é socialmente esperado de uma menina.

A cena mais violenta, simbolicamente, refere-se a tentativa de Hanna de adequar Ludovic aos padrões normativos. Para isto, a mãe resolveu cortar o cabelo da criança, tornando sua imagem masculinizada. Hanna, toma esta decisão logo após ver uma pichação em seu portão escrito “fora viado”. Neste momento, a criança aparece na cena gritando que está sentindo dor na barriga, afirmando tratar-se de cólicas menstruais. O ato de cortar o cabelo não é resumido apenas a tentativa de inserir Ludovic no sistema-cultural, foi também uma forma de punição. A criança passa a ser culpabilizada por não corresponder às expectativas que são atribuídas a uma pessoa que nasce com um pênis.

O desejo por reconhecimento é uma questão que atravessa toda a narrativa filmica. Ludovic deseja ser reconhecido como uma menina não apenas pelos pais, mas também pelos demais integrantes de seu convívio social. Desse modo, as subjetividades externalizadas por ele depende do reconhecimento dos demais para que de fato seja legitimado. O reconhecimento ocorre por meio dos corpos e a forma como estamos presentes no mundo, o olhar de reconhecimento do Outro nos afirma, isso pressupõe que a construção das subjetividades ocorre em sociedade. Butler, defende que a construção da sexualidade ocorre no interior da linguagem e do discurso. Por consequência, o Outro é preciso existir, necessariamente. Conforme defende (BUTLER, 2011):

A estrutura do discurso é importante para compreensão

de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordamos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao Outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer. Mais enfaticamente, no entanto, aquilo que nos vincula moralmente tem a ver com como o discurso do Outro se dirige a nós de maneira que não podemos evitá-lo ou mesmo dele desviar.[12]

A partir da citação acima, torna-se possível refletir acerca da situação precária a que Ludovic está submetido. Para Butler, a precariedade ocorre desde o nascimento, porém, algumas pessoas são colocadas em situação precária, de modo que a ontologia do corpo torna-se também uma ontologia social (Butler, 2015). Dessa forma, o Ser da ontologia está sempre entregue a normas sociais e políticas que, por sua vez, atende às demandas normativas e hegemônicas. De forma que “o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo-, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possível.” (BUTLER, 2015:16)

A produção do ‘sujeito’ está fundamentado em um sistema excludente, e em oposição. Ou seja, ao mesmo tempo que ocorre a formação daqueles(as) que serão nomeados(as) como sujeitos, há produção de seres que serão lidos como não pertencentes a esta esfera, são os seres abjetos. A abjeção está na ordem daquilo que é inóspito e inabitável.

De acordo (BUTLER, 2002),

Lo abyecto’ designa aquí precisamente aquellas zonas “invivibles”, “inhabitables” de la vida social que, sin embargo, están densamente pobladas por quienes no gozan de la jerarquía de los sujetos, pero cuya condición de vivir bajo el signo de lo “invivable” es necesaria para circunscribir la esfera de los sujetos. [13]

A manifestação do desejo de Ludovic de casar-se com Jerome, bem como sua vontade de tornar-se menina, é algo lido pelos demais personagens como algo estranho, incompreensível e perigoso. Isto é, algo que está muito longe, não existe identificação com as demandas de reconhecimento colocadas pela criança. Dessa forma, Ludovic é um ser desprovido de inteligibilidade e não reconhecido como sujeito de direito. Por consequência, é um ser abjeto. Essa questão é retratada no longa quando a mãe de Jerome (Lisette) começa a insinuar que Ludovic é louco, por estar fazendo um acompanhamento com uma psicóloga. Lisette prossegue: “Pergunto porque Albert não gosta dessa gente. Diz que se a sociedade não fosse tão doente não precisaríamos de loucos para curar mais loucos.” Imediatamente, Hanna contesta, afirmando que Ludovic não está louco.

Durante o almoço entre vizinhos, uma convidada falou brevemente sobre ter assistido a um programa de TV onde o tema abordado foi a transexualidade (esse foi o único momento que os vizinhos da família de Ludovic utilizou o termo ‘transexualidade’). Logo em seguida, a convidada completou: “Me fez chorar. Porque se minha filha vem e me diz que é um menino, não sei o que faria.” Esta cena é muito pertinente para refletir o quanto as pessoas que fazem parte do convívio social de Ludovic são (ou não são) interpeladas pelo tema. A partir da exclusão social sofrida pela criança, torna-se mais coerente partir do pressuposto que estas pessoas não são interpeladas pelas demandas de Ludovic e, por consequência, por temas relacionados à transexualidade/ transgêneralidade.

A performatividade de gênero desempenhada por Ludovic merece destaque, pois, a tentativa de

materializar-se como uma menina, ocorre por meio da performatividade. Ao usar o banheiro, por exemplo, seus pés são posicionados para frente, como as meninas fazem. Essa ação é interpretada pela criança como uma prova de que é uma menina. Por conseguinte, a performatividade não deve ser entendida como uma ação singular, visto que atua de forma a retomar uma série de normas, de modo que à diferença sexual transcende às diferenças materiais e age de forma a reiterar algumas práticas discursivas (BUTLER, 2002). Durante a primeira sessão de terapia, por meio do diálogo estabelecido entre a psicóloga e seus pais, Ludovic pergunta “Então sou um menino?”, a partir da resposta afirmativa dos pais e do silêncio da psicóloga, a criança começa a tentar reiterar o que significa ser um menino, em termos de comportamento e performatividade.

Na tentativa de performar como um menino, a criança começa a observar a forma como seus irmãos comportam-se, bem como, o tipo de brincadeiras que os atraí. Após tomar esse posicionamento, a primeira medida de Ludovic é colocar todas as suas bonecas dentro de um cesto e empurrá-las para debaixo da cama. A primeira cena de interação observada entre seus irmãos, foi o momento em que eles estavam correndo segurando uma arma de brinquedo e usando um chapéu (como cowboys). Após acompanhar a cena através da janela de seu quarto, Ludovic olha-se no espelho e tenta imitar os gestos de seus irmãos. Outra forma utilizada como tentativa de tornar-se homem, ocorreu por meio do empenho de efetivação da heterossexualidade. Apesar de ter apenas sete anos de idade, Ludovic entende que uma boa efetivação de sua tentativa de performatividade masculina depende, principalmente, da confirmação de sua heterossexualidade. Dessa forma,



ile tenta beijar uma de suas colegas de escola. Neste momento, a menina empurra Ludo e afirma não beijar meninas. A frase dita pela menina, coloca a criança mais uma vez em um limbo sobre ser menina ou menino.

## 7 Considerações Finais

Após a discussão aqui proposta a partir de algumas situações da realidade cotidiana, foi possível notar que a construção da mulher relacionada à natureza, a aprisionou em um espaço onde sua capacidade de mutabilidade é negado. A palavra gênero possui grande influência para transformar essa realidade determinada pelo patriarcado, uma vez que possui caráter político. Dentro desta temática, a linguagem apresenta papel fundamental na incorporação de determinado sistema simbólico em termos dos processos de socialização. Desta forma, é preciso refletir sobre todo o poder e potencial que a linguagem, bem como as palavras possuem, e utilizar de forma a desessencializar e deixar de biologizar o que é lido com feminino e masculino.

Ludovic afirma ser uma menina (ou transformar-se em uma) durante o decorrer da narrativa fílmica, a negação do lugar desejado produz frustração na criança. De forma que para conseguir sentir-se uma menina faz-se necessário que seja tratada com tal. Porém, para ser lido como uma ‘menina de verdade’ seria necessário possuir uma vagina desde o nascimento. Torna-se fundamental refletir sobre a relação existente entre ser reconhecido para de fato sentir-se como tal. Ludovic sente-se uma menina, mas não pode experienciar esse desejo porque precisa ser legitimado socialmente. Por essa e várias outras questões, torna-se importante desconstruir essa estrutura binária homem/mulher, masculino/feminino moldado pelo patriarcado. É

necessário aceitar a existência de mulheres que possuem pênis, homens que possuem vaginas e pessoas que não se enquadram dentro desta binariedade.

## INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

\*Graduanda pela Universidade de Brasília. Email: gleicielen1996@gmail.com

## NOTAS

[1] “Minha Vida em Cor-de-Rosa Folha.”<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq04059828.htm>. Acessado em 15 nov. 2019.

[2] Visando maior coerência entre as questões abordadas durante a narrativa fílmica e a posterior análise de algumas experiências vivenciadas por Ludovic, optou-se por usar a linguagem neutra. ‘Ile’ usado como substituto de ‘ele’ e ‘ela’.

[3] Visando maior coerência, as palavras que demarcam o gênero serão substituídos por termos neutros. ‘Considerado (a)’ é equivalente a ‘considerade’. Será usado a letra ‘e’ como substituta neutra de ‘a’ e ‘o’.

[4] LUCKMANN e BERGER, 1974, p. 56

[5] Binaridade de gênero pode ser compreendido como o sistema de visão social entre pessoas que são lidas como ‘homem’ e outras que são lidas como ‘mulheres’. O corpo social atribui a estes diferentes grupos papéis sociais que funcionam de forma dual.

[6] Os nomes ‘Maria’ e ‘João’ foram utilizados de modo simples para melhor demonstrar como falas cotidianas age de forma a reiterar sutilmente a posição de posse que o homem possui em relação a mulher no interior de uma sociedade patriarcal.

[7] BESSA, 2007. p. 262

[8] A pergunta mobilizadora deste subtítulo faz alusão ao texto da antropóloga Sherry Ortner. ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? IN: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [1974], p. 95-120.

[9] Stoller, 1982, p.29

[10] BENTO, 2013, p. 160

[11] PRECIADO, 2014, p. 24

[12] BUTLER, 2011, p. 15

[13] BUTLER, 2002, p. 19

## Referências Bibliográficas

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011. pág. 121-139

BENTO, Berenice. “Corpo e história”. In: A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Natal: EdUFRN.2013.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas A Construção Social da Realidade. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. Cadernos pagu, Campinas, v. 28, p. 257-83, jan./jun. 2007.

BESSA, Karla. Um teto por si mesma: multidimensões da imagem-som sob uma perspectiva feminista-queer. Art Cultura. Uberlândia, v. 17, n. 30, p. 67-85, jan.-jun. 2015.

BUTLER, Judith. Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. - P ed. - Buenos Aires - Paidós 2002.

FOUCAULT, Michel. “I - Nós vitorianos”; “IV - O dispositivo da sexualidade” in: História da sexualidade I - A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade in Louro, Guacira Lopes(org) O CORPO EDUCADO Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

MA Vie en rose. Direção de Alain Berliner. Produção: Carole Scotta. França, 1997. DVD (90 min).

MOSÉ, Viviane. O que é a palavra? Café filosófico CPFL. 2008. (45m50s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YuQ8sXoTCbQ>>. Acesso em 30 nov 2019.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? IN: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PLAISANCE, Eric. “Para uma sociologia da pequena infância”. In Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 86, p. 221-241, abril 2004.

PRECIADO, Beatriz. Multidões Multidões Multidões queer: notas para uma : notas para uma política dos “anormais”. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual. tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. -- São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. Un apartamento en Urano. EDITORIAL ANAGRAMA, S. A., 2019 Pedró de la Creu, 58 08034 Barcelona

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer/ Sara Salih; tradução e notas Guacira Lopes Louro, - 1. ed;2. reimp - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SUÀREZ, Mireya. Gênero: uma palavra para desconstruir

ideias e um conceito empírico e analítico. Trabalho apresentado ao I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. Projeto Fundo para a Equidade de Gênero. Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional. Campinas 26-27 de agosto de 1999.